

O DECÁLOGO DA RECUPERAÇÃO DA ESPERANÇA

Iluminar nossa realidade com a luz da Palavra de Deus

Esperar, Resistir, Cantarⁱ

Retiro do CIMI, 2 e 3 de novembro 2013

Como continuar a crer
que um menino vencerá o gigante Golias (1Sam 17,1-54)
que a mulher em dores de parto será mais forte que o dragão (Apoc 12,1-17),
os dois centavos da viúva continuam valendo mais que os milhões dos ricos (Mc 12,41-44),
que as tribos indígenas e a sua cultura tem futuro e deverão enriquecer a vida de todos nós?



INTRODUÇÃO

O ponto de partida

A tragédia de hoje
A tragédia de ontem
Onde e como encontrar a luz?

OS DEZ PASSOS DO LONGO CAMINHO

A lição dos Profetas

1. A nova leitura da natureza: salmo 104
2. A redescoberta do Amor Eterno: salmo 103
3. A nova imagem de Deus: Deus de família: salmo 146
4. O processo da releitura e de repensar todas as coisas: salmo 107
5. Os dois decálogos: da Aliança e da Criação: "Assim na terra como no céu!" salmo 19
6. Os dois Livros de Deus: Natureza e Bíblia, uma nova síntese: salmo 65
7. A nova Missão do povo de Deus: servir: salmo 15
8. Uma nova pastoral: ternura, diálogo, reunião e consciência crítica: salmo 34
9. Uma nova maneira de celebrar a vida: a lição dos salmos: salmo 95
10. O ponto de chegada em Jesus: salmo 72

O PONTO DE CHEGADA EM JESUS

Jesus confirma o caminho percorrido

1. Jesus refaz o relacionamento humano na base, na "Casa"
2. Recupera a dimensão sagrada e festiva da Casa
3. Reconstrói a vida comunitária nos povoados da Galiléia
4. Cuida dos doentes e acolhe os excluídos
5. Recupera igualdade homem e mulher
6. Vai ao encontro das pessoas
7. Supera as barreiras de gênero, religião, raça e classe

CONCLUSÃO

Jesus, luz para iluminar a caminhada

1. Filho do homem
2. Servo de Deus
3. Redentor dos irmãos

INTRODUÇÃO

O ponto de partida da longa caminhada

*A tragédia e a crise de hoje
A tragédia e a crise de ontem
Onde e como encontrar a luz?*

A tragédia e a crise de hoje

A mensagem e o texto final do encontro dos bispos da Amazônia pelos 40 anos da Caminhada desde o encontro de Santarém em 1972 descreve os vários aspectos da tragédia da agressão ao meio-ambiente e as consequências para a vida dos povos da Amazônia.

As perguntas são muitas e muito sérias: Humanamente falando uma comunidade ribeirinha, uma tribo indígena, os pequenos grupos de migrantes que vieram de longe, nossas CEBs, os Círculos Bíblicos: qual a força que eles tem para enfrentar o agronegócio? Como eles podem impedir a agressão da invasão progressiva das suas terras e o desmatamento crescente? Como a mentalidade rural pode sobreviver no urbanismo crescente. Desde 2006 mais da metade da humanidade mora em cidades.

E nós que estamos aqui reunidos, como podemos impedir a caótica urbanização que gera tantas favelas e desumanização? Vamos poder resistir à expansão do sistema neoliberal? Como anunciar e irradiar a Boa Nova de Deus que Jesus os trouxe? Qual o nosso futuro? Existe futuro? E o novo papa Francisco? Os outros nos perguntam: "O que vocês querem e pretendem?" Onde manter viva e fé, a esperança e a doação no amor?

Na época do cativeiro da Babilônia, o pessoal de Nabucodonosor dizia ao povo de Deus: "Qual o Deus de vocês? Onde está esse Deus? Ele existe?" Estas perguntas tão antigas continuam muito atuais. Será que Davi vai conseguir enfrentar Golias? Os dois centavos da viúva continuam valendo mais que o milhão dos ricos? A mulher em dores de parto é capaz de enfrentar o Dragão de hoje? Como enfrentar esta crise?

A tragédia e a crise de ontem

Desatento de tudo, o povo permitiu que o cupim de uma falsa imagem de Deus fosse comendo por dentro a viga da sua fé. Ao longo dos 400 anos da monarquia (de 1000 a 600 aC), Javé, o Deus libertador, foi sendo reduzido à imagem de um Deus em tudo identificado com os interesses da monarquia, contrários aos interesses da vida do povo e do objetivo do Êxodo. Os profetas alertavam sobre o perigo, mas ninguém lhes dava atenção (Dn 9,6), pois havia muitos falsos profetas que diziam o contrário (Jr 28,1-11; Ez 34,1-10). Os Reis manipulavam a Aliança em favor dos seus próprios interesses comerciais. As consequências foram aparecendo na desintegração da vida do povo. Apareceram os pobres. Sinal de que a aliança estava quebrada. Pois se fosse observada, não poderiam aparecer os pobres. "Entre você não pode haver pobre!" (Dt 15,4-11).

A destruição do reino de Israel em 722 aC levou o reino de Judá a proclamar uma reforma que levasse o povo à observância da Lei: "*Vejam! Hoje eu estou colocando diante de vocês a bênção e a maldição. A bênção, se vocês obedecerem aos mandamentos de Javé seu Deus, que eu hoje lhes ordeno. A maldição, se não obedecerem aos mandamentos de Javé seu Deus*" (Dt 11,26-27). O capítulo 28 de Deuteronômio enumera as maldições como fruto das transgressões e da infidelidade (Dt 28,15-68). Coisas terríveis e castigos inacreditáveis são enumerados para obrigar o povo a observar a lei e, assim, evitar o desastre da desintegração. *Prevaleceu o medo do castigo sobre a vontade de servir por amor.* Não mudaram a imagem de Deus que tinha falsificado tudo.

Eles não deram conta de observar a lei. Morreu a reforma. Nabucodonosor destruiu tudo (2Rs 25,8-12; Jr 52,12-16). Perderam tudo aquilo que havia sido a expressão visível da presença de Deus: O **Templo** foi incendiado (2Rs 25,9). A **Monarquia** já não existia (2Rs 25,7). A **Terra** passou a ser a propriedade dos inimigos, (2Rs 25,12; Jr 39,10; 52,16). Deus parecia estar longe e já não lhes mostrava mais o seu rosto (Sl 10,1; Sl 12,2-4; 27,9; 30,8; 69,18; 80,4).

Diante desta terrível situação de destruição e abandono, o povo concluiu: colhemos o que plantamos. Abrimos as comportas e a água invadiu e destruiu tudo. Nós quebramos o contrato com Deus, e sobre nós caíram as maldições previstas no contrato (cf. Dt 28,15-68). Rompemos com Deus, e ele rompeu conosco conforme tinha avisado tantas vezes (cf. Dt 6,14-15; 9,11-14.19; 11,16-17). Esta situação de desespero e de desencanto está expressa, com todas as letras, na 3ª Lamentação. (Lam 3,1-18). A terrível imagem de Deus que transparece nas entrelinhas deste lamento é a de um deus vingativo que só quer castigar e não oferece futuro, nem desperta adoração:

"Eu sou o homem que conheceu a dor de perto, sob o chicote da sua ira. Ele (Deus) me conduziu e me fez andar nas trevas e não na luz. Ele volve e revolve contra mim a sua mão, o dia todo. Consumiu minha carne e minha pele, e quebrou os meus ossos. Ao meu redor, armou um cerco de veneno e amargura, me fez morar nas trevas como os defuntos, enterrados há muito tempo. Cercou-me qual muro sem saída, e acorrentado, me prendeu. Clamar ou gritar de nada vale, ele está surdo à minha súplica. Com pedra cercou a minha estrada, distorceu o meu caminho. Ele foi para mim como urso de tocaia, um leão de emboscada. Desviou-me do caminho, me despedaçou e deixou inerte. Disparou seu arco, fez de mim o alvo de suas flechas. Em meus rins ele cravou suas flechas, tiradas de sua aljava. Eu me tornei uma piada para todos os povos, a gozação de todo o dia. Encheu meu estômago de amargura, embriagou-me de fel. Fez-me dar com os dentes numa pedra, estendeu-me na poeira. Fugiu a paz do meu espírito, a felicidade acabou. Eu digo: "Acabaram minhas forças e minha esperança em Javé". (Lam 3,1-18).

Esta terrível imagem de Deus falsificou a visão da vida e da natureza Quem tem esta imagem de Deus na cabeça e no coração, sente-se rejeitado para sempre. A falsa (antiquada) imagem do deus da monarquia impedia o povo de opinar corretamente sobre a tragédia do cativo. É trágica a afirmação de Isaías: *"Sua mente enganada o iludiu, de modo que ele não consegue salvar a própria vida e nem é capaz de dizer: "Não será mentira isso que tenho nas mãos?"* (Is 44,20). Eles eram incapazes de descobrir a mentira que os impedia de enxergar (cf. Jr 6,15; Sl 36,3; Rom 1,18).

Onde e como encontrar a luz?

Muitos se acomodaram no cativo, abandonaram a fé em Javé e aderiram ao Deus de Nabucodonosor ou ao deus do sistema neoliberal. Outros não quiseram aceitar a realidade dura do cativo e se agarraram ao passado. Preferiram lutar pelo retorno ao tempo dos reis: restaurar tudo do jeito que era antes.

As comunidades dos discípulos e discípulas de Isaías, porém, enfrentaram o desafio da dura realidade do cativo: O que será que Deus está querendo dizer a nós por meio desta escuridão terrível de total abandono de Deus em que nos encontramos aqui no cativo?

Qual a falsa imagem de Deus que hoje está por detrás do sistema neoliberal e da lenta e progressiva secularização da vida dos últimos duzentos anos? Qual a imagem de Deus que estava por de trás da leitura errada da Bíblia legitimando a depredação da natureza? Qual a imagem de Deus que está por de trás do progresso da ciência? Muitos cientistas se dizem ateus. Talvez tenham razão, pois o Deus que eles dizem não existir de fato não existe. Saramago que se dizia ateu disse esta frase: "Deus é o silêncio do Universo; o ser humano é o grito que tenta interpretar o silêncio".

OS DEZ PASSOS DO LONGO CAMINHO

A lição dos Profetas e a missão das Comunidades

Como encontrar a luz dentro do túnel e não no fim do túnel?

Como sair daquela escuridão? Qual o caminho? Eles procuraram e encontraram uma luz. Não a luz de sempre, aquela do fim do túnel! Encontraram uma luz diferente, que já existia **dentro** do próprio túnel, mas que eles nunca tinham enxergado. Agora, os olhos se abriram e o que parecia ser a ausência de Deus era a sua presença. Aquilo que parecia escuridão era mais claro que o sol do meio dia (Sl 139,12). A escuridão era luminosa. A ausência de Deus era a sua presença! Tudo mudou. É o que vamos ver agora. Pois algo semelhante já está acontecendo hoje.

É esperançoso ver como, sob o estímulo dos profetas, do mais fundo do fundo do poço daquele terrível cativeiro, renasceu a esperança, e apareceu um novo caminho. As Comunidades redescobriram a presença libertadora de Deus na natureza e na vida e reencontraram o sentido da sua missão como Povo de Deus.

1. A nova leitura da natureza

Naquele desespero generalizado, o profeta Jeremias soube reencontrar motivos de esperança. É como se dissesse: Vocês dizem que Deus já não cuida de nós; que deixamos de ser povo de Deus! Eu afirmo que Ele não nos abandonou. E sabem por quê? É que o sol vai nascer amanhã. Nabucodonosor pode ser forte, mas ele não consegue impedir o nascimento do sol amanhã.

“Assim diz Javé, aquele que estabelece o sol para iluminar o dia e ordena à lua e às estrelas para iluminarem a noite, aquele cujo nome é Javé dos exércitos: quando essas leis falharem diante de mim - oráculo de Javé - então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre!” (Jr 31,35-36). “Se vocês puderem romper a minha aliança com o dia e com a noite, de modo que já não haverá mais dia nem noite no tempo certo, também será rompida a minha aliança com o meu servo Davi” (Jr33,20-21).

Jeremias ajudou o povo a ler a natureza com um novo olhar de fé. Era nos fenômenos da criação que ele via um sinal da presença de Deus e da sua fidelidade para com o povo: na seqüência inalterada dos dias e das noites; no sol que se levantava todos os dias sobre a cidade destruída; na lua minguante e crescente; na alternância das estações do ano: primavera, verão, outono e inverno; nas chuvas, nas plantas e sementes, etc. Tudo isto era para Jeremias um sinal da certeza de que Deus continuava fiel ao seu povo e de que Ele não havia rompido sua aliança, como alguns andavam dizendo (cf. Is 49,14). A natureza tornou-se sinal transparente da presença gratuita de Deus no meio do seu povo.

A certeza do nascer do sol não depende dos poderes deste mundo, nem da observância da lei, mas está impressa na lógica da criação. É pura gratuidade, expressão do bem-querer do Criador. É promessa que não falha. Nós podemos romper com Deus, mas Deus não rompe conosco. Cada manhã, através da seqüência dos dias e das noites, ele nos fala ao coração: *“Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Javé e de meu servo Davi.”* (Jr 33,25-26). É deste olhar sobre a natureza que vai nascer o texto de Gênesis que descreve a criação do mundo.

PERGUNTAS:

E hoje, qual o novo olhar nosso sobre a natureza para fazer reverter o olhar de agressão que legitima e favorece a sua depredação? Como fazer com que a terra, em vez de ser uma mercadoria sem vida e sem projeto a serviço do ídolo do lucro, possa ser experimentada como companheira na preservação da vida para todos? Como fazer isto no nível da vida pessoal, familiar e comunitário?

SALMO 104

2. A redescoberta do Amor eterno.

Foi nesta mesma situação escura sem horizonte, que os profetas desenterraram a raiz do amor fiel de Deus. Jeremias traz esta frase: *“Eu amei você com amor eterno; por isso conservei o meu amor por você”* (Jr 31,3). E esta outra afirmação de Isaías: *“Num ímpeto de ira, por um momento eu escondi de você o meu rosto; mas agora, com amor eterno, volto a me compadecer de você, diz Javé, seu redentor”* (Is 54,8). Foram os profetas, sobretudo Jeremias, Oséias e Isaías, que souberam redescobrir esta dimensão infinita do amor gratuito de Deus (cf. Is 41,8-14; 49,15; Jr 31,31-37; Os 2,16).

Nas entrelinhas destas frases, a gente adivinha a seguinte descoberta. É como se Deus, o namorado, dissesse ao povo, sua namorada: *“Depois de tudo que você fez, você já não mereceria ser amada. Mas meu amor por você não depende do que você fez por mim ou contra mim. Quando comecei a amar você, eu o fiz com um amor eterno. Por isso, apesar de tudo que você me fez, apesar de todos os seus defeitos, eu gosto de você, eu amo você para sempre! “Eu amei você com amor eterno; por isso conservei o meu amor por você”* (Jr 31,3). *“Pode a mãe se esquecer do seu nenê, pode ela deixar de ter amor pelo filho de suas entranhas? Ainda que ela se esqueça, eu não me esquecerei de você”* (Is 49,15).

E a gente se pergunta: *“Então, o que houve para Deus falar assim? Qual foi a quebra que houve? E em que consiste esse amor eterno de Deus? Eles descobriram que a história não tinha começado com a imposição de leis que pediam observância. Muito antes da entrega da lei tiveram a revelação do amor de Deus na aliança com Noé, na promessa feita a Abraão e Sara e na libertação da escravidão do Faraó. Libertando o povo, Deus lhe revelou seu amor, conquistou um título de propriedade. É como se dissesse: “Agora você é meu!”* (Is 43,1). *“Agora, vocês são o meu povo e eu sou o Deus de vocês”* (cf. Ex 19,4-6; 24,8).

A redescoberta da certeza do amor maior e eterno de Deus devolveu ao povo a auto-estima, ajudou-o a superar o sentimento de culpa e levou-o a dar uma resposta de amor na observância dos Dez Mandamentos ou, como eles diziam, das *Dez Palavras* (cf. Dt 4,13; 10,4). Fizeram a Aliança: *“Faremos tudo o que Javé mandou e obedeceremos!”* (Ex 24,73). Amor mútuo! A palavra *amor* em hebraico é **hêsed**. A tradução mais correta é *“amor fiel”*. Agora sabem que nada, nem mesmo o fracasso, pode separá-los do amor de Deus (Is 40,1-2^a; 41,9-10.13-14; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; 54,7-8; etc; cf. Rom 8,35-39).

PERGUNTAS:

Como acontece hoje esta redescoberta do amor de Deus? O último censo revelou que os crentes cresceram mais de 20% e que o número dos católicos diminuiu. Muitos crentes foram católicos. Eles dizem: *“Descobri Jesus e me converti!”* Será que nós nos deixamos questionar, ou minimizamos esta redescoberta do amor como coisa subjetiva? Será que sabemos despertar este amor por Jesus e pelo pobre? Sem isto, nada feito! Peruca em careca.

SALMO 103

3. A nova imagem de Deus: Deus de família

A desintegração dos valores da época da monarquia criou uma conjuntura nova, diferente. Lá no cativo, os valores que antes faziam parte da vida já não existiam: a posse da terra, o templo, as peregrinações, o culto, o sacrifício, o sacerdócio, a monarquia, o rei. Nada disso tinha sobrado. No cativo, o único espaço de uma relativa autonomia e liberdade que ainda sobrava para o povo era o espaço familiar: o pai, a mãe, o marido, a esposa, um irmão ou irmã, o mundo pequeno e frágil da família, da “casa”.

Ora, foi neste pequeno espaço da família, da “casa”, clã, da pequena comunidade, que renasceu nos discípulos de Isaías uma nova experiência de Deus. A nova imagem de Deus, transmitida por eles, reflete este ambiente familiar da **Casa**. Deus é **Pai** (Is 63,16; 64,7), é **Mãe** (Is 46,3; 49,15-16; 66,12-13), é **Marido** (Is 54,4-5; 62,5), é o parente próximo (*goêl* ou **irmão mais velho**) (Is 41,14; 43,1). Javé, o Deus que antes estava ligado ao Templo, ao culto oficial, ao sacerdócio, ao clero, à monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas **Casa**, e não *Templo*. Não retomaram as imagens religiosas antigas, mas usaram imagens novas tiradas da vida familiar e comunitária.

Eles *humanizaram a imagem de Deus e sacralizaram a vida, a família, a pequena comunidade, como o espaço do reencontro com Deus*. Deus agora se esconde e se revela (cf. Is 45,15) onde antes ninguém o procurava: *em casa*, no relacionamento diário familiar, nas pequenas comunidades de base, no meio do povo exilado e excluído! É a renovação das igrejas na América Latina a partir das Comunidades Eclesiais de Base. Foi a partir deste mundo pequeno e limitado da “casa”, sem prestígio e sem poder, que tudo renasceu e continua renascendo, até hoje.

PERGUNTAS:

Qual a imagem de Deus que anima nossas CEBs? Hoje há muitas imagens de Deus: Comunidades Eclesiais de Base, Congregação Mariana, Apostolado de Oração, movimento Fé e Política, Opus Dei, Neo-Catecúmenos, Movimento Carismático, tantos! Qual a imagem que melhor nos aproxima de Deus e da nossa missão? Que mais nos ajude a sermos fiéis ao que Deus nos pede na atual situação em que nos encontramos? Como dialogar e não impor?

SALMO 146

4. Processo da releitura: repensar todas as coisas

A nova maneira de olhar a natureza, a redescoberta do amor eterno e o reencontro com Deus em "**casa**", na pequena comunidade, deram olhos novos para entender de maneira nova o sentido de tudo que tinham vivido no passado. Começaram a reler tudo: a natureza, a história, a política, a criação, o passado e o presente e, assim, começaram a reintegrar todos os aspectos da vida desintegrada do povo exilado. Foi um longo processo de séculos. A expressão final desta releitura, iniciada no cativeiro é a própria Bíblia.

Eles começaram a lembrar as histórias do seu passado, não para aumentar a saudade, mas para transformar a saudade em esperança: "Deus não nos abandonou. A caminhada continua! Estamos refazendo a história". Lembram a aliança de Deus com Noé (Is 54,8-9) e o chamado de Abraão e Sara (Is 51,1-2; 41,8): "Nós somos hoje Abraão e Sara!". Lembram sobretudo o Êxodo: o fim da escravidão (Is 40,2); o caminho pelo deserto (Is 40,3); o cântico novo à beira do Mar Vermelho (Is 42,10); a travessia pela água (Is 43,2); a água que brota do chão seco (Is 44,3); a efusão do Espírito (Núm 11,17.25; Is 44,3); etc. "Estamos envolvidos num novo Êxodo, muito maior que o primeiro (Is 43,16-19).

Eles começam a reler os valores da vida que no passado tinham orientado o povo. Mantêm as mesmas palavras, mas dão a elas um novo sentido e as colocam numa nova perspectiva. Eis alguns exemplos:

- * O povo de Deus já não é uma raça, pois agora também os estrangeiros fazem parte (Is 56,3.6-7).
- * O templo já não será só para os judeus, mas será casa de oração para todos os povos (Is 56,7).
- * O culto é universal, pois os estrangeiros dele participam (Is 56,6-7).
- * O sacerdócio não é só de Levi pois estrangeiros receberão o mesmo sacerdócio (Is 66,20-21).
- * O reino já não é a monarquia de Davi, mas sim o Reino Universal do próprio Deus (Is 52,7; 43,15).
- * O messias, (ungido) não é só o rei davídico, mas também Ciro, o Rei dos persas (Is 45,1; 44,28).
- * A eleição já não é um privilégio, mas sim um serviço a ser prestado a toda a humanidade (Is 42,1-4).
- * A missão não é o povo ser um grupo separado, mas ser "Luz das Nações" (Is 42,6; 49,6)
- * A lei de Deus não é só de Israel, ela será de todos os povos que nela encontram uma luz (Is 2,1-5).
- * Jerusalém não é capital de Judá, mas sim o centro de peregrinação para todos os povos (Is 60,1-7).

A nova experiência de Deus, de um lado, ajudou-os a perceber os erros e enganos da ideologia do tempo dos reis; e de outro lado, foi fonte de criatividade para repensar, um por um, todos os valores do passado, libertá-los dos erros e das limitações, adaptá-los à nova situação. Atualizaram a fotografias antiquadas e foram capazes de reconhecer Deus na rodoviária da vida.

PERGUNTAS:

Como fazer hoje esta releitura tão importante, tão necessária e tão urgente? O Vaticano II é uma releitura. Medellín é uma releitura. Aparecida é uma releitura. Sem memória do passado, não há horizonte do futuro. Como ajudar o povo das CEBs a fazer esta releitura? Qual a tarefa do CEBI nesta releitura? Há muitas tentativas, mas nem todas nascem da redescoberta do amor de Deus no mundo complexo de hoje. Nem todas nascem do diálogo sincero.

SALMO 107

5. Os dois decálogos: Aliança e Criação

De todos os livros da Bíblia, os capítulos 40 a 66 do livro de Isaías são os que mais usam a palavra *criar*, mais de vinte vezes! É a nova compreensão da ação criadora de Deus. O verbo **BARÁ** (criar) indica a qualidade da ação com que Deus acompanha e cuida do seu povo. Deus *cria* o universo e a terra; *cria* também o povo e o Êxodo (Is 43,15). Tudo é fruto da ação criadora. “*Javé que te criou, aquele que estendeu os céus e fundou a terra?*”(Is 51,12). Ele liberta, salva e conduz o povo com um poder criador (Is 40,25-31).

Ação salvadora e ação criadora se identificam. O Deus que chama Abraão é o Deus Criador. O Deus que cria o mundo é o Deus que chama Abraão. Iluminação mútua entre Criação e Salvação. É a mesma ação. Ao lado das *Dez Palavras* (Dez Mandamentos) que estão na origem da Aliança, eles começam a dar atenção às Palavras Divinas que estão na origem das Criaturas. Ao lado da Lei da Aliança, descobrem a Lei da Criação. A Lei de Deus entregue ao povo no Monte Sinai tinha no seu centro as **Dez Palavras** divinas da aliança (Ex 20,1-17; Dt 5,6-22). Da mesma maneira, a narrativa da Criação tem no seu centro **Dez Palavras** divinas. O autor que fez a redação da narrativa da Criação (Gn 1,1-2,4^a) repete dez vezes a expressão “**e Deus disse**”. Como fez para o povo, assim Deus faz para as criaturas: “*fixou uma lei que jamais passará*” (Sl 148,6):

1. Gn 1,3	E Deus disse: haja luz	E Deus disse ~yhi ^a l{a/ rm, aYOæw:
2. Gn 1,6	E Deus disse: haja firmamento	
3. Gn 1,9	E Deus disse: as águas se juntem e apareça o continente	
4. Gn 1,11	E Deus disse: a terra produza verde	
5. Gn 1,14	E Deus disse: haja luzes	
6. Gn 1,20	E Deus disse: as águas produzam seres vivos	
7. Gn 1,24	E Deus disse: que a terra produza seres vivos	
8. Gn 1,26	E Deus disse: façamos o ser humano	
9. Gn 1,28	E Deus disse: sejam fecundos	
10. Gn 1,29	E Deus disse: dou as ervas para vocês comer.	

Esta maneira de descrever a criação é bem mais que um jogo de palavras. As Dez Palavras da Criação são a expressão da nova leitura da natureza. A harmonia do universo é fruto da obediência das criaturas às Dez Palavras com que Deus enfrentou e venceu o caos. O caos do *cativeiro* surgiu porque o povo não tinha observado as Dez Palavras da Lei da Aliança. As criaturas, ao contrário do povo, sempre observam a Lei da Criação. Por isso existe a harmonia na natureza. No *Pai-Nosso* Jesus dirá: “*Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu*”. Jesus pede que cheguemos a observar a Lei da Aliança com a mesma perfeição com que o sol e as estrelas do céu observam a Lei da Criação. Na harmonia do universo as Comunidades descobrem como realizar sua missão. O Decálogo da Criação descreve a ação amorosa de Deus em nosso favor, o Decálogo da Aliança descreve como deve ser a resposta amorosa do ser humano a Deus.

PERGUNTAS:

Sem nos darmos conta, no pensamento de muitos salvação e criação estão separadas: sobrenatural e natural, graça e natureza. A vida é uma coisa e a fé é outra. Como fazer para chegar a esta visão integrada da natureza? Qual a pedagogia e a prática para chegar a isto?

SALMO 19

6. Os Dois Livros de Deus: Natureza e Bíblia

A comparação é de Santo Agostinho e exprime uma convicção profunda que vem da Bíblia e era um dos fundamentos da maneira como os antigos Padres da Igreja faziam teologia.

1º LIVRO: a natureza

O primeiro livro de Deus não é a Bíblia, mas sim a natureza, o universo, a vida, o mundo, os fatos, a história. É através do *Livro da Natureza* ou *da Vida* que Deus quer falar conosco. Deus criou as coisas **falando**. Tudo que existe é a expressão de uma palavra divina. Diz o salmo: *“O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos. O dia passa a mensagem para outro dia, a noite a sussurra para a outra noite. Sem fala e sem palavras, sem que a sua voz seja ouvida, a toda a terra chega o seu eco, aos confins do mundo a sua linguagem”* (Sl 19,2-5).

Já não nos damos conta de que estamos vivendo no meio do livro de Deus e que cada um de nós é uma página viva deste livro divino. Há algo que nos impede de reconhecer a presença da Palavra na vida, algo que *“sufoca a verdade”* (Rom 1,18; cf Is 44,20; Sl 36,3). O que nos impede? Santo Agostinho diz que foi o pecado, i.é., esta nossa mania de querer dominar tudo, de tratar a natureza como mercadoria e de achar que somos donos de tudo. Por isso, as letras do **Primeiro Livro** de Deus se atrapalharam e já não conseguimos descobrir a fala de Deus no *Livro da Vida*. Perdemos o olhar da contemplação, a capacidade de admirar. Para remediar isto nasceu a Bíblia, o **Segundo Livro** de Deus. A Bíblia foi escrita para nos ajudar a entendê-lo melhor e a descobrir nele os sinais da presença de Deus. Diz Santo Agostinho que a leitura da Bíblia (1) nos devolve o olhar da contemplação, (2) ajuda a decifrar o mundo e (3) faz com que o Universo se torne novamente uma revelação de Deus, volte a ser o que deve ser *“O Primeiro Livro de Deus”*.

2º LIVRO: a Bíblia

O texto da Bíblia nasceu aos poucos, fruto da ação do Espírito de Deus e de um demorado processo de busca. Impelido pelo desejo de encontrar Deus nas crises e depressões da vida, o povo foi descobrindo os sinais da sua presença e, dentro dos critérios da cultura da época, transmitia para os filhos as suas descobertas. Assim foi nascendo a Tradição Viva do Povo de Deus, transmitida oralmente, durante séculos, desde os tempos de Abraão e Sara.

Foi na época do cativo, a partir da experiência do amor de Deus, que começou a ser articulada a redação final desta tradição oral do povo de Deus: a Bíblia. A chave geral para entender a Bíblia é esta: *Nós podemos romper com Deus. Somos fracacos. Falhamos muito. Mas Deus, ele no seu amor, nunca rompe conosco. Seu amor é eterno, nos dá esperança e coragem para voltar.*

É nesta perspectiva que devem ser lidas e relidas as histórias da criação, da aliança com Noé, a chamada de Abraão e Sara, a libertação do Egito, a conclusão da Aliança, a observância dos Dez mandamentos, tudo! A Bíblia traz o resultado da leitura que o povo conseguiu fazer da vida e da natureza para descobrir nelas a fala amorosa de Deus.

Aqui vale a pena retomar uma palavra de Clemente de Alexandria (S. IV. Ele dizia: *“Deus salvou os judeus judaicamente, os gregos, gregamente, os bárbaros, barbaramente”*. E podemos continuar: *“Os brasileiros, brasileiramente; os latinos, latinamente, etc.”* Judeus, gregos e bárbaros, cada um no seu tempo e na sua cultura, foram capazes de descobrir os sinais da presença de Deus em suas vidas. Assim também nós estamos sendo desafiados a fazer hoje o **mesmo** que eles fizeram no seu tempo: descobrir a mesma presença divina dentro da nossa realidade, criar maneiras novas de celebrar e irradiar esta fé para os outros como uma grande Boa Notícia para a vida humana.

PERGUNTAS:

Cosmo-visão (ultrapassada) da Bíblia? pode nos ajudar a interpretar este universo imenso que a ciência nos revela? Como pode nos ajudar a enfrentar o desafio da preservação do meio-ambiente? Como eles, assim também nós devemos *“escrever a nossa Bíblia”*, isto é, devemos imitar o povo de Deus e, como eles, *ler a nossa realidade para descobrir dentro dela os apelos de Deus e expressá-los dentro dos critérios da nossa cultura*. Como realizar esta tarefa?

SALMO 65

7. A nova Missão do Povo de Deus: servir

Foi neste ambiente do cativo, que o povo redescobriu sua missão como Povo de Deus: não para ser um povo glorioso, colocado acima dos outros povos, mas para ser um povo servo, Servo Sofredor, cuja missão é revelar o amor de Deus, irradiar a bondade de Deus, difundir a justiça, não desanimar nunca e, assim, ser a "Luz das Nações" (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Os quatro cânticos do Servo de Javé falam desta missão (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12). Na figura do Servo eles apresentam ao povo exilado um modelo de como devem entender e realizar a sua missão como Povo de Deus.

O Servo de Javé não é um indivíduo determinado, mas sim o próprio povo. Mas que povo? É o povo do cativo, descrito no quarto cântico como um povo oprimido, sofredor, desfigurado, sem aparência de gente e sem um mínimo de condição humana, povo explorado, maltratado e silenciado, sem graça nem beleza, cheio de sofrimento, evitado pelos outros como um leproso, condenado como criminoso, sem julgamento nem defesa (Is 53,2-8). Retrato perfeito de uma terça parte da humanidade de hoje!

Os quatro cânticos são uma cartilha para ajudar o povo, tanto de ontem como de hoje, a descobrir e assumir a sua missão. Descrevem os quatro passos que o Servo deve percorrer para realizar a sua missão: O primeiro cântico (Is 42,1-9) descreve como Deus escolhe e apresenta o povo oprimido para ser o seu Servo. O segundo (Is 49,1-6) mostra como este povo, ainda sem fé em si mesmo, vai descobrindo sua missão. O terceiro (Is 50,4-9) relata como o povo assume a sua missão e a executa apesar da perseguição. O quarto (Is 52,13 a 53,12) é uma profecia a respeito do futuro do Servo e da sua missão: ele vai ser morto, mas a sua morte será fonte de salvação para todos.

No fim, um breve resumo dos quatro cânticos define a missão do Servo (Is 61,1-2). Foi este resumo que Jesus escolheu para apresentar-se com a sua missão diante da comunidade de Nazaré (Lc 4,18). Jesus é o primeiro que percorreu os quatro passos até o fim. Por isso, ele se tornou a chave principal para entendermos todo o significado e alcance da missão do Servo, descrita no livro de Isaías.

Em Jesus, o modelo do *Servo* retomou forma e vigor. Ele disse: *"Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos"* (Mt 20,28). Aprendeu de sua Mãe que disse: *"Eis aqui a serva do Senhor!"* (Lc 1,38). Ela o aprendeu da tradição dos Anawim (pobres), para os quais o povo de Deus está no mundo não para dominar, mas para servir. Eles esperavam o Messias Servidor. Foi assim que o entenderam os primeiros cristãos. Jesus era visto por eles como o Servo de Deus (cf. At 3,13.26; 4,27.30). Ser servo de Deus era o título com que eles se identificavam (Rom 1,1): *"servos da justiça"* (Rom 6,18), *"servos de Deus"* (Rom 6,22).

PERGUNTAS:

Qual a tendência que hoje predomina na formação do clero: servir aos mais pobres ou insistir no específico do clero? Como nós, que fazemos parte das coordenações e da animação das comunidades, vemos a nossa missão? Como a vivemos? Este é o ponto em que Jesus mais insistiu. O que eu faço com o poder que tenho: serviço, controle ou autopromoção?

SALMO 15

8. Nova Pastoral: ternura, diálogo, reunião, consciência

A gratuidade da presença amorosa e universal de Deus torna-se a fonte de uma nova pastoral que, até hoje, transparece nas linhas e entrelinhas dos capítulos 40 a 66 do livro de Isaías. Eis alguns aspectos:

* Ternura

Para a pessoa vive machucada e triste, na solidão do cativeiro, não bastam imposições, advertências e preceitos, nem servem os argumentos da análise crítica da realidade, para que ela levante a cabeça, tenha esperança e comece a enxergar a situação com esperança renovada. É necessário, antes de tudo, cuidar das feridas do coração, acolhendo-a com muita ternura e bondade. De fato, as primeiras palavras: “Consolai! Consolai o meu povo!” (Is 40,1) ressoam pelas páginas do livro inteiro, do começo ao fim.

Os discípulos têm uma conversa atenciosa, cheia de ternura e consolo, de encorajamento e acolhimento. “Não gritam nem apagam a vela que ainda solta um pouco de fumaça” (Is 42,2-3). Ou seja, machucados, não machucam. Oprimidos pela situação em que se encontram, não oprimem, mas tratam e acolhem o povo com muito respeito. Tentam chamá-lo pelo próprio nome (Is 43,1). Usam uma linguagem simples, concreta e direta, numa atitude de ternura nunca vista antes, que funciona como bálsamo, e dispõe as pessoas para olhar a realidade com mais objetividade. Há muitas expressões e imagens de ternura espalhadas pelos capítulos 40 a 66 de Isaías: Is 40,1-2^a; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; etc. Eis um exemplo: *“Tu és o meu servo! Eu te escolhi, não te rejeitei. Não temas, porque eu estou contigo. Não fique apavorado, pois eu sou o teu Deus. Eu te fortaleço, sim, eu te ajudo, eu te sustento com a minha direita justiceira! ... Não temas! Sou eu que te ajudo! Não temas, vermezinho de Jacó, meu bichinho de Israel! Eu mesmo te ajudarei. Oráculo de Javé, teu redentor é o Santo de Israel!”* (Is 41,9-10.13-14; cf Is 54,7-8).

* Diálogo

Nos capítulos 40 a 66, do começo ao fim, transparece uma atitude de escuta e diálogo. Eles conversam, fazem perguntas, questionam, criticam, levam o povo a refletir sobre os fatos (cf Is 40,12-14.21.25-27; etc). Ensinam dialogando em pé de igualdade com o povo. Este jeito de ensinar é próprio de quem se considera servo e discípulo e não dono da verdade: *“O Senhor me deu uma língua de discípulo para que eu saiba trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta meu ouvido, para que eu ouça como os discípulos”* (Is 50,4)

Um discípulo não absolutiza o seu próprio pensamento, nem impõe suas idéias autoritariamente, mas sabe ensinar escutando e aprendendo dos outros. Eis um exemplo de como faziam: *“Por que dizes tu, Jacó, e por que afirmas tu, Israel: “O meu caminho está oculto a Javé; meu direito passa despercebido a Deus?” Então não sabes? Por acaso não ouviste isto? Javé é um Deus eterno, criador das regiões mais remotas da terra. Ele não se cansa nem se fatiga, sua inteligência é insondável”* (Is 40,27-28)

Por este seu jeito de conviver e de tratar com o povo, os discípulos não só falam sobre Deus, mas também - e isto é importante - o revelam. Eles comunicam algo daquilo que eles mesmos vivem. Deus se faz presente nesta atitude de ternura e de diálogo. O povo se dá conta de que o Deus dos discípulos é diferente do deus da Babilônia, diferente também da imagem de Deus que eles ainda carregavam na memória, desde os tempos da monarquia, de antes da destruição do Templo. Assim, aos poucos, os olhos se abrem. O povo começa a perceber algo do novo que está acontecendo. “Não estão vendo?” (Is 43,19)

Até hoje, estes primeiros passos são o mais difíceis, os mais lentos e os mais importantes. Foi necessária muita paciência da parte dos discípulos, para que aquele povo exilado se reanimasse a crer novamente em si mesmo e em Deus, e se levantasse (Is 49,4.14).

* Reunião

É neste mesmo período do cativeiro que se começou a insistir de novo na observância da lei já antiga do sábado (Is 56,2.4; 58,13-14; 66,23; cf Gen 2,2-3). Era para que o povo tivesse ao menos um dia por semana para se encontrar, partilhar sua fé, louvar a Deus e animar-se mutuamente. Faziam

reunião de noite e perguntavam: “Levantem os olhos para o céu e observem: Quem criou tudo isso? É Aquele que organiza e põe em marcha o exército das estrelas, chamando cada uma pelo nome. Tão grande é o seu poder e tão firme a sua força, que nenhuma delas deixa de se apresentar. Jacó, por que você anda falando, e você, Israel, por que anda dizendo: “Javé desconhece o meu caminho e o meu Deus ignora a minha causa?” (Is 40,26-27)

Nestas reuniões eles refrescavam a memória (Is 43,26; 46,9), contavam as histórias de Noé, de Abraão e Sara, da Criação, lembravam o êxodo (Is 43,16-17), apontavam os fatos da política e perguntavam: “Quem é que faz tudo isto?” (Is 41,2). A resposta era sempre a mesma: “É Javé, o Deus do povo, o nosso Deus!”. Assim, a *natureza* deixava de ser o santuário dos falsos deuses; a *história* já não era mais decidida pelos opressores do povo; o mundo da *política* já não era mais o domínio de Nabucodonosor. Por trás de tudo começam a reaparecer os traços do rosto de Javé, o Deus do povo. A natureza, a história e a política deixam de ser estranhos e hostis ao povo e tornam-se aliados dos pobres na sua caminhada como *Servo* de Deus.

* **Consciência crítica**

Foi necessária muita paciência para que o povo se reanimasse a crer novamente em si mesmo e em Deus (Is 49,4.14). O desânimo era muito grande. Eles eram como o profeta Elias deitado debaixo da árvore querendo morrer (1Rs 19,4). Até para cantar eles tinham perdido o gosto (Sl 137,1-6). Este desânimo tinha duas causas, ligadas entre si como os dois braços de uma balança: uma *externa* que, de fora, pesava sobre eles, a saber: a destruição de Jerusalém, o exílio, a perda de todos os apoios e direitos; a outra *interna* que, por dentro esvaziava o coração: a falta de visão e de fé, o peso morto da antiga visão de Deus. Deus parecia ter perdido o controle da situação. Nabucodonosor parecia ser o dono de tudo. Desequilibrou-se a balança da vida!

Os discípulos e as discípulas atacam as duas causas: desfazem o peso da opressão e enchem o vazio do coração. Para *desfazer o peso da opressão* eles usam o bom senso e fazem uma análise crítica da realidade. Desmascaram o poder que oprime e a ideologia dominante que engana. Tudo é analisado e criticado com ironia e precisão, e confrontado com a nova visão que a fé em Deus lhes comunica (cf. Is 40,15.17.22.23; 41, 6-7.21-29; 44, 18-20.25; 47,1-15). Para *encher o vazio do coração* os discípulos ajudam o povo a ler de maneira nova o mundo que os envolve e a perceber nele os sinais da presença amorosa de Javé (Is 54,7-8; 55,8-11; 41,1-5; 44,27-28; 45,1-7). Eles vão descobrindo que, mesmo presente no universo inteiro, a casa preferida de Deus é no meio do seu povo oprimido e exilado. Deus faz opção pelos pobres: “Eu estou contigo!” (Is 41,10). “Troco tudo por ti!” (Is 43,4) É lá que Ele deve ser procurado (Is 55,6), e é de lá que Ele quer irradiar sobre o mundo como “Luz dos Povos” (Is 42,6).

Deste modo, enchendo o vazio do coração (*causa interna*) e enfraquecendo o peso da opressão (*causa externa*), eles deslocam o peso da balança. O povo se equilibra de novo na vida. Agora, já não é a perseguição que enfraquece a fé, mas sim a fé renovada e esclarecida que enfraquece o poder dos poderosos. A face de Deus reaparece na vida. O povo, animado por esta Boa Notícia, desperta (Is 51,9.17; 52,1), se põe de pé (Is 60,1), começa a cantar (Is 42,10; 49,13; 54,1; 61,10; 63,7) e a resistir (Is 48,20).

PERGUNTAS:

Aqui as perguntas são simples e evidentes: usar os quatro pontos como critério para fazer uma avaliação da minha atitude junto ao povo e da nossa pastoral na comunidade.

SALMO 34

9. Uma nova celebração da vida: a lição dos salmos

O livro dos Salmos nasceu aos poucos ao longo dos séculos. Sua redação final é de depois do cativo, em torno dos séculos V ou IV aC ou mais tarde ainda. Só uma parte dos salmos está no Livro dos Salmos. A outra parte está espalhada pela Bíblia, em quase todos os seus livros, tanto do AT como do NT. Os Salmos são o lado orante da história do povo de Deus. Neles tem de tudo: Lei, História, Sabedoria, Profecia. Eles revelam o olhar orante do povo sobre a Criação de Deus. Ajudam a rezar os fenômenos da natureza.

As duas pontas do livro dos Salmos: Salmo 1 e o Salmo 150. Salmo 1 fala da caminhada, da prática da justiça, da luta contra o ímpio. Salmo 150 fala da festa, da dança, da alegria. Luta e Festa, militância e celebração, política e fé, observância e gratuidade. Dois momentos importantes da vida. Dois pólos básicos da oração. Há pessoas que só gostam de festa e de reza. Querem ficar no Tabor. Não gostam de descer para ir a Jerusalém. São festivos e na hora do aperto se perdem. Outros não gostam de interromper a caminhada para subir no Tabor. Acham perda de tempo. São mais imediatistas. O livro dos Salmos reflete os dois pólos, as duas dimensões: gratuidade e observância. A oração dos salmos é como a água do rio que percorre e fertiliza a história e a vida do povo de Deus, do começo ao fim, desde a nascente até o mar.

Temos que recuperar a criatividade e a capacidade de admirar. Nesse ponto, o povo da Bíblia dá lição em todos nós. Apesar de todas as suas limitações, eles souberam ler o Livro da vida. Souberam descobrir e cantar a beleza do Universo que revela o amor de Deus e a grandeza do Criador. Souberam verbalizar, partilhar e transmitir suas descobertas, enriquecendo as gerações seguintes. Os salmos são um dos exemplos mais bonitos.

Quando um artista tem uma inspiração, ele procura expressá-la numa obra de arte. A arte que daí resulta carrega dentro de si essa mesma inspiração. Por isso, as obras de arte atraem e mexem tanto com as pessoas. O mesmo acontece quando lemos e meditamos a Bíblia. A inspiração que conduziu os autores ou autoras a compor os salmos, continua presente naquelas antigas orações. Através da nossa leitura atenta e orante esse Espírito entra em ação e começa a atuar para revelar em nós a mesma imagem de Deus expressa no texto. Eis alguns destes salmos:

Salmo 8:	“A Tua presença irrompe por toda a terra!”	Deus se revela na natureza
Salmo 19(18):	“Os céus cantam a glória de Deus!”	Eles são expressão da Lei de Deus
Salmo 46(45):	“Deus é nosso refúgio e nossa força!”	Ele está conosco! Não temos medo
Salmo 104(103):	“Envia teu Espírito e tudo será criado!”	A ordem da Criação vem de Deus
Salmo 136(135):	“Criou o céu e a terra! Eterno é seu amor!”	Tudo é revelação do amor
Salmo 139(138):	“Tu me conheces quando estou sentado!”	O Criador está presente em tudo
Salmo 148:	“Aleluia! Louvai a Javé todas as criaturas!”	Convite ao louvor universal

Estes Salmos nos dão uma idéia do que significava para aquele povo do cativo a fé no poder criador de Deus. Não era para obter informações sobre como Deus tinha criado o mundo no passado, mas sim para saber quem era o Deus que estava com eles lá no cativo, no mais fundo do fundo do poço, naquela escuridão sem luz, naquele desânimo sem futuro, e qual o poder criador que ele usava para acompanhar o seu povo! A redescoberta surpreendente da presença criadora da palavra de Deus naquela vida oprimida do cativo desumano, sem rumo e sem sentido, foi como a ressurreição do povo que iluminou a vida e a própria natureza! Humanizou a Vida!

PERGUNTAS:

Tocamos aqui um dos pontos mais importantes para a formação das Comunidades, pois é através da celebração que se transmitem a maior parte dos valores que ela procura viver. Como rezamos? Como cantamos? Como celebramos? Quais os modelos que usamos? Quais os livros de canto que costumamos usar? É no canto que se revela e se expressa o nível de consciência da comunidade.

SALMO 95

10. O ponto de chegada em Jesus

A longa caminhada das Comunidades do Antigo Testamento com suas etapas e descobertas encontrou a sua continuação e confirmação em Jesus, na maneira de ele viver e anunciar a Boa Nova de Deus.

Como os profetas, Jesus não permite que as tradições religiosas desviem o povo da verdadeira experiência de Deus e da vida. Ele mantém as práticas antigas, mas lhes dá um novo sentido. Assim, ele mostra grande liberdade frente aos costumes religiosos: esmola (Mt 6,1-4), formas de rezar (Mt 6,5-15), jejum (Mt 6,16-18), práticas da pureza legal (Mc 7,1-23), observância do sábado (Mc 2,23-28), comunhão de mesa com pagãos e pecadores (Mc 2,15-17), Templo (Mc 11,15-17). Ele chegou a dizer que Deus pode ser adorado em qualquer lugar contanto que seja em espírito e verdade (Jo 4, 21-24). Jesus quer que as pessoas ultrapassem a letra e percebam o objetivo da lei que é amor a Deus e ao próximo (Mt 7,12; Mc 12,29-31). Aos que identificavam a vontade de Deus com a letra da Lei, ele dizia: “*Antigamente foi dito, mas eu digo*” (Mt 5,21-22.27-28.31-34.38-39.43-44). Para Jesus a **torah** quer o bem-viver do povo: “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10)

Como os discípulos e discípulas de Isaías, Jesus defende os direitos dos pobres e reconhece neles a sabedoria de Deus (Mt 11,25-26). Bondade, ternura e simplicidade são a característica do jeito com que Jesus acolhe as pessoas: o velho Zaqueu (Lc 19,1-10), as mães com crianças (Mt 19,13-14), o leproso que grita à beira da estrada (Mt 8,2; Mc 1,40-41), o paraplégico de 38 anos (Jo 5,5-9), o cego de nascimento na praça do templo (Jo 9,1-13), a mulher curvada na sinagoga (Lc 13,10-13), a viúva de Naim (Lc 7,11-17), as crianças em todo canto (Mt 21,15-16), e tantas e tantas outras pessoas. É o contrário da atitude dos fariseus e escribas que chamavam o povo de ignorante e maldito e achavam que o povo não tinha nada para ensinar a eles (Jo 7,48-49; 9,34)

Como os sábios, Jesus tinha uma capacidade enorme para comparar as coisas de Deus com as coisas mais simples da vida do povo. As parábolas provocam e levam as pessoas a refletir sobre a sua própria experiência, e fazem com que esta experiência as leve a descobrir Deus presente na vida. A parábola muda o olhar.

Todas estas atitudes de Jesus revelavam a experiência de Deus que o animava por dentro. Ele irradiava uma nova imagem de Deus em aberto contraste com a concepção de Deus que se expressava nas atitudes e na estrutura religiosa oficial da época. Jesus é um leigo que não estudou na escola oficial. Mas o povo reconhecia que nele existe sabedoria (Mc 6,2) e ficava impressionado com o jeito que Jesus tinha de ensinar: “Um novo ensinamento! Dado com autoridade! Diferente dos escribas!” (Mc 1,22.27). Por isso foi perseguido pelas autoridades. Como Jó aos olhos dos três amigos, assim Jesus aos olhos dos escribas e fariseus, era um homem sem Deus (Jo 9,16), contrário ao Templo e à Lei de Deus (Mt 26,61).

SALMO 72

O PONTO DE CHEGADA EM JESUS

A prática de Jesus confirma o caminho percorrido

*Jesus refaz o relacionamento humano na base, na "Casa"
Recupera a dimensão sagrada e festiva da Casa
Reconstrói a vida comunitária nos povoados da Galiléia
Cuida dos doentes e acolhe os excluídos
Recupera igualdade homem e mulher
Vai ao encontro das pessoas
Supera as barreiras de gênero, religião, raça e classe*

1. Jesus refaz o relacionamento humano na base, na "Casa"

Numa época em que a religião oficial insistia no espaço sagrado do Templo e nas coisas ligadas ao culto, Jesus recupera a dimensão caseira da fé. O ambiente da **Casa** exerce um papel central na vida de Jesus. Quando se fala em *casa*, não se trata só da casa de tijolos ou de pedra, nem só da família pequena, mas também e sobretudo do clã, da comunidade. Até à idade de trinta anos, Jesus viveu no ambiente comunitário e caseiro lá em Nazaré. Durante os três anos que andou pela Galiléia ele entrava e vivia nas *casas* do povo. Entrou na *casa* de Pedro (Mt 8,14), de Mateus (Mt 9,10), de Jairo (Mt 9,23), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Simão o leproso (Mc 14,3), de Zaqueu (Lc 19,5). O oficial reconhece: "Não sou digno de que entres em minha *casa*" (Mt 8,8). E o povo procurava Jesus na *casa* dele (Mt 9,28; Mc 1,33; 2,1; 3,20). Quando ia a Jerusalém, Jesus parava em Betânia na *casa* de Marta, Maria e Lázaro (Jo 11,3.5.45; 12,2). No envio dos discípulos e discipulas a missão deles é entrar nas *casas* do povo e levar a paz (Mt 10,12-14; Mc 6,10; Lc 10,1-9).

2. Jesus recupera a dimensão sagrada e festiva da Casa

Jesus, sua mãe e todos os discípulos participam da festa de casamento em Caná (Jo 2,1-2). Jesus aceita convite para almoçar e jantar nas casas do povo: de Simão o leproso (Mc 14,3), de Simão o fariseu (Lc 7,36), de Marta e Maria (Jo 12,2), de um outro fariseu (Lc 11,37; 14,12). É na sala superior da *casa* de um amigo que Jesus celebrou a última páscoa com seus amigos (Mt 26,18-19). Envia os discípulos e discipulas para reconstruir o clã nas aldeias da Galiléia nas quatro bases da vida comunitária: hospitalidade, partilha, comunhão de mesa e acolhida aos excluídos (Lc 10,1-9). Depois da ressurreição, Jesus entrou em *casa* com os dois discípulos em Emaús e foi reconhecido por eles no gesto tão caseiro da fração do pão (Lc 24,29-30).

3. Jesus reconstrói a vida comunitária nos povoados da Galiléia

No antigo Israel, o clã, isto é, a família ampliada, a comunidade, era a base da convivência social. Era a garantia de vida para uma pessoa: garantia a terra, a proteção, a defesa, os relacionamentos, as tradições que davam identidade a uma pessoa. Era a maneira concreta do povo daquela época encarnar o amor a Deus e ao próximo. Defender o clã era o mesmo que defender a Aliança entre Deus e o povo. Mas na época de Jesus, devida à política dos romanos e ao sistema da religião oficial, a vida comunitária estava sendo desintegrada. Mais da metade do orçamento familiar ia para os impostos, taxas, tributos, dízimos. Tais políticas excludentes geravam doentes, famintos, marginalizados, viúvas, órfãos, possessos, pobres. Esta situação levava as famílias a se fecharem sobre si mesmas, impossibilitadas de exercer seu dever de *goêl*, de ajuda desinteressada aos parentes do mesmo clã ou comunidade. A própria família de Jesus queria impedir que Jesus se preocupasse com os outros e quieram levá-lo de volta para Nazaré. Jesus reage e não quer saber: "Quem é minha mãe e meus irmãos? É todo aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus" (Mc 3,34-35) Jesus alarga a família, reconstrói o clã, a comunidade. Ele quer evitar que as famílias se fechem sobre si mesmas e, assim, desintegrem a vida do clã, da comunidade. Por isso ele diz: "Se alguém vem a mim, e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, irmãos, irmãs, e até mesmo à sua própria vida, esse não pode ser meu discípulo" (Lc 14,26). Manda que as pequenas famílias se abram para a vida em comunidade.

4. Jesus cuida dos doentes e acolhe os excluídos

O primeiro trabalho de Jesus foi cuidar de doentes (Mc 1,32). Os enfermos, por causa de sua doença considerada um castigo divino, eram afastados do convívio social, perambulando pelas ruas, aguardando uma esmola. Ao voltar-se para os doentes, Jesus assumiu um lado da sociedade de seu tempo. Tocando no leproso para curá-lo tanto da lepra como da exclusão, Jesus assumiu conscientemente uma marginalização social, a ponto de já não poder entrar nas cidades (Mc 1,45). Jesus anuncia o Reino para todos! Não exclui ninguém. Mas o anuncia a partir dos excluídos. Ele oferece um lugar aos que não tinham lugar na convivência humana. Com amor e carinho acolhe os que não eram acolhidos. Recebe como irmão e irmã aos que a religião e o governo desprezavam e excluía: os *imorais*: prostitutas e pecadores (Mt 21,31-32; Mc 2,15; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11); os *hereses*: pagãos e samaritanos (Lc 7,2-10; 17,16; Mc 7,24-30; Jo 4,7-42); os *impuros*: leprosos e possessos (Mt 8,2-4; Lc 11,14-22; 17,12-14; Mc 1,25-26); os *marginalizados*: mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32; Mt 8,17; 19,13-15; Lc 8,2s); os *colaboradores*: publicanos e soldados (Lc 18,9-14; 19,1-10); os *pobres*: o povo da terra e os pobres sem poder (Mt 5,3; Lc 6,20.24; Mt 11,25-26).

5. Jesus recupera igualdade homem e mulher

Jesus acolheu e deu continuidade à resistência das mulheres contra a sua exclusão. A moça *prostituída* é acolhida e defendida por Jesus contra o fariseu (Lc 7,36-50). A mulher *encurvada* é acolhida por Jesus como filha de Abraão contra o dirigente da sinagoga (Lc 13,10-17). A mulher *adúltera*, acusada pelos fariseus, não foi condenada por Jesus (Jo 8,1-11). A mulher *impura* é acolhida sem censura e curada (Mc 5,25-34). A Samaritana, desprezada como *herética*, é a primeira pessoa a receber o segredo de que Jesus é o Messias (Jo 4,26). A mulher *estrangeira* de Tiro e Sidônia é atendida por ele (Mc 7, 24-30). As *mães com filhos pequenos* que enfrentam os discípulos são acolhidas e abençoadas por Jesus (Mt 19,13-15; Mc 10,13-16). As mulheres, que desafiaram o poder e ficaram perto da cruz de Jesus (Mt 27,55-56.61), foram as primeiras a experimentar a presença de Jesus ressuscitado (Mt 28,9-10). Maria Madalena, considerada *possessa*, mas curada por Jesus (Lc 8,2), recebeu a *ordem* de transmitir a Boa Nova da ressurreição aos apóstolos (Jo 20,16-18). Contrariando um grande número de rabinos, que não aceitavam mulheres em seus grupos de estudo, sabemos que muitas mulheres seguiam Jesus e faziam parte da comunidade de discípulos ao redor de Jesus (Lc 8,2-3; Mc 15,40-41). Aceitar as mulheres como discípulas em igualdade dentro do grupo não deve ter sido fácil para os discípulos (Lc 24,11).

6. Jesus vai ao encontro das pessoas

No lugar de encerrar-se numa sinagoga ou numa escola e exercer o poder de um escriba, Jesus rompe este esquema, tornando-se um pregador ambulante. Onde encontra gente para escutá-lo, ele fala e transmite a Boa Nova de Deus. Em qualquer lugar. Nas *sinagogas* durante a celebração da Palavra nos sábados (Mc 1, 21; 3,1; 6,2). Em *reuniões* informais nas casas de amigos (Mc 2,1.15; 7,17; 9,28; 10,10). Andando pelo *caminho* com os discípulos (Mc 2,23). Ao longo do mar, à beira da *praia*, sentado num barco (Mc 4,1). No *deserto* para onde se refugiou e onde o povo o procura (Mc 6,32-34). Na *montanha*, de onde proclama as bem-aventuranças (Mt 5,1). Nas *praças* das aldeias e cidades, onde povo carrega seus doentes (Mc 6, 55-56). Mesmo no *Templo* de Jerusalém, nas romarias, diariamente, sem medo (Mc 14,49)! Ele vai ao encontro das pessoas, estabelecendo com elas uma relação direta através da prática do acolhimento. Antes de propor ou expor um conteúdo básico doutrinário, Jesus propõe um caminho de vida. A resposta é *seguir* Jesus neste caminho: “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso do seu fardo, e eu lhes darei descanso, ...aprendam de mim...” (Mt 11,28-30).

7. Jesus supera as barreiras de gênero, religião, raça e classe

Jesus supera as barreiras de gênero, de religião, de raça e de classe. Jesus não se fecha dentro da sua própria raça e religião, mas sabe reconhecer as coisas boas que existem nas pessoas de outra raça e religião. Ele acolhe lições da parte deles: da Cananéia (Mt 15,27-28), da Samaritana (Jo 4,31-38) e até dos Romanos (Mt 8,5-13). Ele acolhe e conversa com Nicodemos (Jo 3,1), que era um

membro da alta classe judaica, com assento no Sinédrio. Acolhe e conversa com uma mulher samaritana (Jo 4,7). Com esta mulher, Jesus consegue estabelecer um diálogo construtivo, superando uma das mais difíceis barreiras, a religião. Para a samaritana Jesus era um judeu (Jo 4,9), ou seja, um inimigo religioso, opressor dos samaritanos. Pacientemente, Jesus teve que, desarmar a samaritana e dizer: “Mulher, eu sou judeu, mas não sou teu inimigo!”. Para estabelecer um diálogo com ela, Jesus começa a conversa revelando uma carência que só poderia ser saciada com o trabalho daquela mulher: “Dá-me de beber!” Revelar uma carência é uma boa maneira de estabelecer um diálogo! O longo diálogo entre Jesus e a samaritana mostra o quanto Jesus estava aberto para a presença das mulheres em seu grupo. O texto de João mostra que os próprios discípulos ficam surpresos com o diálogo de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4,27).

Foi esta a Boa Nova que Jesus viveu e irradiou durante os três anos que andou pela Galiléia anunciando o Reino de Deus. Sua mensagem desagradou aos poderosos e eles o prenderam, condenaram e mataram na cruz. Mas Deus o ressuscitou, confirmando-o diante dos discípulos por meio de muitas aparições (1Cor 15,3-8). Animados pelo Espírito de Jesus no dia de Pentecostes (At 2,1-4; Jo 20,21-23), os discípulos deram continuidade ao anúncio da Boa Nova do Reino. A força que os sustentava no anúncio da Boa Nova está expressa neste testemunho do apóstolo Paulo: “Vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Jesus era tudo para eles!

CONCLUSÃO

Para aprofundar e expressar quem era Jesus para eles, conservavam e divulgavam títulos, nomes e atributos. Só no Novo Testamento mais de cem! Cada título era uma tentativa para revelar algum aspecto da riqueza que Jesus significava para a vida deles. Os três títulos mais antigos de Jesus estão nesta frase: “*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate para muitos*” (Mc 10,45). Os três vêm do Antigo Testamento: **Filho do Homem**, **Servo de Deus** e **Redentor** (resgate) **dos irmãos**. Cada título revela um determinado aspecto da riqueza que esclarece o caminho que conduz ao Bem-Viver do Reino.

Filho do homem

Filho do Homem é o título que Jesus mais gostava de usar. Aparece mais de 80 vezes só nos quatro evangelhos! A expressão *Filho do Homem* vem dos profetas Ezequiel e Daniel. Em Ezequiel, a expressão “filho do homem” ocorre 93 vezes e acentua a condição humana do profeta. No livro de Daniel a expressão Filho do Homem ocorre na visão dos grandes impérios do mundo (Dn 7,1-28). Os impérios são apresentados sob a figura de animais (Dn 7,4-8), pois são animalescos; desumanizam a vida, “animalizam” as pessoas. O Reino de Deus é apresentado, sob a figura de um ser humano, de um *Filho do Homem* (Dn 7,13). O Filho do Homem, o povo de Deus, não se deixa desumanizar nem enganar pela ideologia dominante dos reinos animalescos. A sua missão consiste em realizar o Reino de Deus como um reino *humano*, reino que não persegue a vida, mas sim a promove! Humaniza as pessoas. Apresentando-se aos discípulos como *Filho do Homem*, Jesus assume como **sua** esta missão humanizadora. É como se dissesse: “Venham comigo! Esta missão é de todos nós! Vamos juntos realizar a missão que Deus nos entregou, e realizar o Reino humano e humanizador que ele sonhou!” E foi o que Jesus fez e viveu durante toda a sua vida, sobretudo, nos últimos três anos. Ele foi tão humano, mas tão humano, como só Deus pode ser humano. Quanto mais humano, tanto mais divino! Quanto mais “filho do Homem” e tanto mais “filho de Deus!” Tudo que desumaniza as pessoas, afasta de Deus. É **humanizando** que se constrói o Bem-Viver do Reino de Deus.

Servo de Deus

Este título vem de uma profecia de Isaías, na qual o futuro Messias é apresentado como Servo de Deus (Is 42,1-9). No tempo de Jesus, a elite esperava um Messias *Rei* (Mc 15,9.32); Santo ou *Sumo Sacerdote* (Mc 1,24); *General* (Lc 23,5; Mc 13,6-8), *Doutor* (Jo 4,25), *Juiz* (Lc 3,5-9), *Profeta* (Mc 6,4; 14,65). Apesar das diferenças, todos eles esperavam um messias glorioso no meio dos povos. Só os pobres esperavam o Messias *Servidor*, anunciado pelo profeta Isaías (Is 42,1; 49,3; 52,13), e encaravam a missão do povo de Deus, não como um domínio, mas como um serviço à humanidade. Maria, a pobre de Javé, dizia ao anjo: “Eis aqui a **serva** do Senhor!” Foi dela e dos pobres que Jesus aprendeu o caminho do serviço. Este povo-servo é descrito como aquele que “não grita, nem levanta a voz, não solta berros pelas ruas, não quebra a planta machucada, nem apaga o pavio de vela que ainda solta fumaça” (Is 42,2). Perseguido, não persegue; oprimido, não oprime. Nele o vírus da violência opressora dos impérios não consegue penetrar. A atitude resistente do Servo de Javé

marcou a vida de Jesus. Isaías diz do Servo “Com fidelidade ele promove o direito, sem desanimar nem desfalecer, até estabelecer o direito sobre a terra”(Is 42,4). Jesus percorreu o caminho do serviço até o fim, até as últimas conseqüências. Ele definiu sua missão: “*Não vim para ser servido, mas para servir*” (Mc 10,45). Ele não veio para implantar uma nova religião, mas para trazer a dimensão de serviço para todas as religiões. É **humanizando e servindo** que se constrói Reino de Deus.

Redentor dos irmãos

Jesus inicia a sua pregação proclamando um novo jubileu, um “*Ano de Graça da parte do Senhor*” (Lc 4,19). O objetivo do Ano Jubileu era restabelecer os direitos dos pobres, acolher os excluídos, reintegrá-los na convivência e, assim, voltar ao sentido profundo e original da Lei de Deus. Um dos meios para levar a bom termo o Ano Jubileu era a lei do “Resgate” (*Goêl*, Redentor) (Lv 25,23-55). Jesus é o *Goêl*, o redentor dos irmãos, que veio pagar o resgate, para que nós pudéssemos ser libertados da escravidão e recuperar a vida em comunidade. Muita gente era marginalizada em nome da Lei de Deus. Jesus, a partir da sua experiência de Deus, denuncia esta situação que esconde o rosto de Deus para os pequenos (Mt 23,13-36). Como *redentor* (*goêl*), *irmão mais velho*, ele oferece um lugar aos que não tinham lugar. Acolhe os que não eram acolhidos e recebe como irmão aqueles que a religião e o governo desprezavam e excluía (Mc 3,34). Não tendo dinheiro para pagar o resgate, ele *se entregou* a si mesmo, seu corpo e seu sangue, para que todos pudessem viver em fraternidade (1Cor 11,23-26; Mc 14,22-24; Lc 22,20).

Jesus, o Redentor dos irmãos! Este talvez seja o título mais antigo para expressar o que Jesus significa para nós. O termo hebraico *goêl* é tão rico que não tem tradução unívoca na nossa língua: redentor, salvador, libertador, defensor, advogado, consolador, paráclito, parente próximo, irmão mais velho. São Paulo o definiu tão bem na carta aos Gálatas: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e **se entregou por mim**” (Gl 2,20).

Jesus, Filho do Homem, Servo de Deus, Redentor dos irmãos. Humanizar, servir, acolher. É **humanizando, servindo e acolhendo** que se recupera a Missão das Comunidades e se constrói o Bem-Viver do Reino de Deus. Assim se inicia a reversão da desintegração iniciada com Adão que culminou na Torre de Babel:

- * A confusão das línguas da Torre de Babel começou a ser superada no dia de Pentecostes.
- * A desintegração do Dilúvio causada pela magia começou a ser superada pela força da fé.
- * A violência 70x7 de Lameque começou a ser superada pelo perdão 70x7 de Jesus.
- * A morte da fraternidade causada por Caim começou a ser superada pelo amor ao próximo.
- * A alienação de Deus causada por Adão e Eva é superada por Jesus que encarnou Deus.

ⁱ Texto apresentado por Frei Carlos Mesters para retiro do Conselho Indigenista Missionário, nos dias 2 e 3 de novembro de 2013.